

#17

As inimizadas conservadoras e as amizadas liberais da descolonização

RAHUL RAO

MASP Afterall

2020

Arte e descolonização

O MASP e o Afterall — centro de pesquisa dedicado à arte contemporânea e às histórias das exposições — estabeleceram uma parceria de estudos sobre o tema arte e descolonização. A iniciativa pretende questionar as narrativas oficiais e a configuração eurocêntrica do mundo da arte como uma história totalizante, produzindo também novas leituras sobre acervos e coleções de museus e exposições, por meio de workshops e seminários, além de publicações de artigos. O projeto aborda o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais, que questionam e criticam explicitamente os legados coloniais na arte, na curadoria e na produção de crítica de arte. Pretende-se que os eventos promovidos por esta parceria do MASP e do Afterall estimulem novas discussões e pesquisas sobre descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais.



THOMAS FARKAS

*Pretos na janela ou Pessoas assistindo
a um ensaio de escola de samba, 1940-48*

Comodato MASP Foto Cine Clube Bandeirante

As inimizadas conservadoras e as amizadas liberais da descolonização

RAHUL RAO

1. Kemi Badenoch é uma mulher negra, membra do partido conservador inglês, foi ela secretária do tesouro e, desde 2020, é secretária de estado para Igualdade no governo do primeiro ministro do Reino Unido Boris Johnson. [N.da.E].

2. De origem estadunidense, o Mês da História Negra ocorre anualmente, em outubro, também no Canadá e, mais recentemente, foi incorporado ao calendário comemorativo da Irlanda, dos Países Baixos e do Reino Unido. [N.da.E].

3. HC Deb, 20 October 2020, vol.682, col.1011.

4. Ibid.

5. Critical Race Theory é um campo acadêmico formado nos Estados Unidos por ativistas e intelectuais dedicados aos direitos civis e ao exame dos aparatos legais e suas interlocuções com o racismo, bem como os mecanismos que perpetuam a discriminação e constituem entrave à justiça racial. [N.da.E].

Nos últimos dias de 2020, quando no Reino Unido estava muito difícil pensar em outra coisa além da Covid e do Brexit, duas histórias relativamente pequenas me pareceram emblemáticas no que diz respeito aos perigos enfrentados pelo projeto contemporâneo de descolonizar a academia. Em outubro de 2020, a secretária da igualdade do governo conservador, Kemi Badenoch,¹ declarou, em resposta às demandas de descolonização do ensino de história nas escolas britânicas levantadas no decorrer de um debate parlamentar sobre o mês da história negra,² que o “currículo não precisa ser descolonizado, pelo simples motivo de que não é colonizado”.³ Badenoch não viu nenhum problema com o fato de que “as crianças britânicas estudam principalmente a história dessas ilhas”, e reclamou que “a recente moda de descolonizar a matemática, a engenharia e as ciências em nossas universidades — para fazer da raça o princípio definidor daquilo que é estudado — não é algo apenas equivocado, mas diretamente oposto ao propósito fundamental da educação”.⁴

Em coro com observações feitas por boa parte de sua trupe conservadora, Badenoch atacou de maneira enfática a *Critical Race Theory* [Teoria Racial Crítica],⁵ destacada por ela como uma manifestação especialmente perniciosa da agenda de descolonização devido à sua suposta tendência de fomentar a vitimização negra e a culpa branca. Badenoch creditou ao campo de pesquisa, a formação teórica que moldou o que ela vê como a agenda “partidária” do movimento *Black Lives Matter* [Vidas Negras Importam], particularmente no que diz respeito às suas demandas anti-

6. *Ibid.*, col.1012.

7. Fraser Nelson, 'Kemi Badenoch: The problem with critical race theory', *The Spectator*, 24 October 2020, disponível em: <https://www.spectator.co.uk/article/kemi-badenoch-the-problem-with-critical-race-theory-metonymous>. Último acesso em 27 de jan. de 2021.

8. Kojo Koram, 'What is "Critical Race Theory" and Why Are Tories Talking About It?', *Vice*, 27 October 2020, disponível em: <https://www.vice.com/en/article/3anz43/what-is-critical-race-theory-conservative-party>. Último acesso em 27 de jan. de 2021.

9. Daniel Trilling, 'Why is the UK government suddenly targeting "critical race theory"?'', *Guardian*, 23 October 2020, disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/oct/23/uk-critical-race-theory-trump-conservatives-structural-inequality> Último acesso em 27 de jan. de 2021; Fabiola Cineas, 'Critical race theory, and Trump's war on it, explained', *Vox*, 24 September 2020, disponível em: <https://www.vox.com/2020/9/24/21451220/critical-race-theory-diversity-training-trump> Último acesso em 27 de jan. de 2021.

10. Jason Hickel, 'Apartheid in the World Bank and the IMF', *Al Jazeera*, 26 November 2020, disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2020/11/26/it-is-time-to-decolonise-the-world-bank-and-the-imf> Último acesso em 27 de jan. de 2021.

capitalistas e anti-policiais, tornando-o evidentemente inadequado — em sua opinião — para a inclusão nos currículos da educação pública. De qualquer modo, concluiu ela, tudo isso seria simplesmente irrelevante para a situação britânica, já que importado de maneira indiscriminada dos Estados Unidos: “nossa história, no que diz respeito à raça, não é a dos EUA”.⁶ Em outra ocasião, Badenoch usou sua identidade como uma mulher negra britânica de origem nigeriana como respaldo para declarar que a Grã-Bretanha é o melhor país para ser uma pessoa negra.⁷

A referência aos EUA é irônica. Enquanto anunciava a *Critical Race Theory* como um bicho-papão metonímico para qualquer envolvimento com o racismo estrutural, com o império e com a descolonização⁸, este grupo conservador britânico estava de olho no manual da administração de [Donald] Trump. O presidente dos Estados Unidos havia aprovado uma ordem executiva no mês anterior proibindo órgãos federais de conduzirem “treinamentos de sensibilidade racial”, enquanto declarava guerra às “ideologias baseadas em raça” de forma mais geral (nenhuma ironia aqui).⁹ A Teoria Racial Crítica tornou-se apenas o mais recente elemento na “guerra cultural” que os conservadores estavam aticando avidamente contra oponentes parlamentares e extraparlamentares na tentativa de desviar a atenção das demandas materiais dos movimentos antirracistas e de descolonização. No meses subsequentes ao assassinato de George Floyd, repletos de protestos suscitados pela sua morte, ficou evidente que essa fora a estratégia escolhida, quando tanto grupos supremacistas brancos quanto o governo Johnson pareciam mais ansiosos em defender o legado iconográfico do império britânico (leia-se: estátuas) do que em debater seus legados póstumos materiais e estruturais (leia-se: polícia, prisões, centros de detenção de migrantes).

Muito menos notado que a recusa sensacionalista da descolonização feita por Badenoch (exceto talvez no Twitter acadêmico, onde foi ridicularizada), um artigo de opinião curto apareceu na *Al Jazeera* em novembro de 2020 intitulado “Apartheid in the World Bank and the IMF” [apartheid no Banco Mundial e no FMI].¹⁰ Escrito por Jason Hickel, um antropólogo da economia e membro da *Royal Society of Arts*, o artigo reitera os argumentos que grupos de ativistas contra a injustiça econômica global fazem em relação às instituições e ao acordo de Bretton Woods há décadas.

A saber: que a distribuição de poder nessas instituições é profundamente desigual, como fica evidente em seus procedimentos de seleção de líderes e nas disparidades entre o poder de voto dos Estados-membros do Norte e dos Estados-membros do Sul global. Calculadas em uma base per capita, essas desigualdades saltam aos olhos por serem particularmente gritantes: o voto de uma pessoa cidadã britânica vale 41 vezes o voto de uma pessoa cidadã de Bangladesh. Chamando a atenção para a lógica racial em ação, Hickel observa com razão que “se isso acontecesse em qualquer outro país, ficaríamos indignados. Nós chamaríamos este cenário de *apartheid*.” Após localizar as raízes dessas desigualdades no final do período colonial, quando as instituições de Bretton Woods foram projetadas como parte do acordo pós-Segunda Guerra Mundial, Hickel, sem surpresa, pede sua descolonização. Até aqui, tudo bem.

No entanto, é na compreensão de Hickel acerca das consequências que a descolonização pode ter no contexto do Banco Mundial e do FMI, que seu uso de “descolonização” trai a deflação liberal em curso deste termo. O artigo termina ensaiando algumas das recomendações mais comuns para a democratização dessas instituições: eleição “transparente” de líderes; tomada de decisão por uma “dupla maioria” tanto do poder acionário quanto dos Estados-membros e assim por diante. Como apontado em diversas críticas ao artigo no Twitter, dado o papel que essas instituições desempenharam no empobrecimento e subdesenvolvimento dos países mutuários, e a facilitação que promoveram do que David Harvey chamou de “acumulação por espoliação”,¹¹ poderia ter sido mais apropriado interpretar a descolonização como acarretadora da abolição dessas instituições e das estruturas do capitalismo global que sustentam com tanto afincos.

Há mais uma ironia aqui. Como Sylvia Tamale observa em um livro recente intitulado *Decolonization and Afro-feminism* [Descolonização e Afro-feminismo], publicado em 2020, os discursos de descolonização eram populares nos países da África ao sul do Saara após suas independências até que foram “virtualmente ‘assassinados’ pelas chamadas estratégias de desenvolvimento introduzidas no continente africano pelo Banco Mundial e pelo FMI no final dos anos 1980 e início dos anos 1990”. A compreensão reformista de Hickel da “descolonização” a torna vazia de seu conteúdo antagonístico ao projeto das instituições de Bretton Woods. De modo geral, seu argumento é sintomático de uma ten-

12. Steve Baker (Wycombe) (Con), HC Deb, 20 October 2020, vol.682, col.989.

13. *Ibid.*, col.988.

14. Lee Edelman, *No Future: Queer Theory and the Death Drive*, Durham and London: Duke University Press, 2004, p.14.

15. Eve Tuck and K. Wayne Yang, 'Decolonization is not a metaphor', *Decolonization: Indigeneity, Education & Society* vol.1, no.1, 2012, p.7.

dência liberal que reduz o termo a sinônimo de renovação, melhoria e aprimoramento em vez de destruição e reconstrução em larga escala que um dia pressagiu. Por meio dessa tendência, a ideia de descolonização é esvaziada pela proliferação de seu uso.

De certa forma, os inimigos conservadores da descolonização parecem ter uma compreensão melhor de suas implicações potencialmente subversivas do que seus amigos liberais. No debate parlamentar de outubro, o conservador Steve Baker se distanciou dos apelos por descolonização, e, em particular, das demandas do *Black Lives Matter*, por conta das supostas associações do movimento com o "marxismo cultural, a abolição da família nuclear, o corte de verbas da polícia e a derrubada do capitalismo"¹², preferindo, em vez disso, "uma linguagem conservadora e liberal de igualdade e inclusão [... que] não adota as ideias do interseccionalismo [*sic*] e da *Critical Race Theory* que nos colocam uns contra os outros".¹³ É pertinente apontar a leitura do teórico *queer* Lee Edelman em torno da paisagem ideológica dos Estados Unidos, com a qual ele inicia seu manifesto antifuturista *No Future*: "Pessoas conservadoras reconhecem [o] potencial radical, o que significa também [a] ameaça radical da *queeridade* mais plenamente do que pessoas liberais, pois o conservadorismo imagina de modo preventivo a ruptura maciça do tecido social, ao passo que o liberalismo, de maneira conservadora, se agarra a fé em sua elasticidade sem limites."¹⁴ Esta é uma descrição tão boa do momento atual de descolonização no Reino Unido quanto é para a *queeridade*.

Qual é, então, o significado de descolonização? Quais tempos e lugares podem nos orientar ao confrontarmos essa pergunta? Devemos consertar o significado para que o termo retenha força? Em sua crítica incisiva da maneira pela qual o termo descolonização foi transformado em um significativo vazio para uma miscelânea de lutas de justiça social, Eve Tuck e K. Wayne Yang insistem que a descolonização no contexto colonial de invasão e expropriação de terras deve envolver a repatriação de terras para os povos indígenas.¹⁵ Embora, obviamente, o colonialismo não possa ser reduzido à sua manifestação particular do colonialismo de povoamento nas Américas, talvez haja valor, como sugerido por Gurinder Bhambra, Dalia Gebrial e Kerem Ni ancio lu, considerar e complicar o rico relato de Tuck e Yang sobre o que é a descolonização, "a fim de estender e

16. Gurminder K. Bhambra, Dalia Gebrial and Kerem Nisancioglu, 'Introduction: Decolonising the University?', in *Decolonising the University*, eds. Gurminder K. Bhambra, Dalia Gebrial and Kerem Nisancioglu, London: Pluto Press, 2018, p.4.

17. E. Tuck and K. W. Yang, 'Decolonization is not a metaphor', op. cit. p.19.

aprofundar seu aviso político de que a descolonização não é uma metáfora".¹⁶ Um elemento desse aviso é o lembrete salutar de que o apelo de Frantz Fanon (1925-1961) para descolonizar a mente como um primeiro passo para a derrubada dos regimes coloniais não implicava, no entanto, que este fosse o único passo. Tuck e Yang apontam que a conscientização tem sido, muitas vezes, aceita como o ponto final da luta, substituindo o trabalho mais incômodo de abrir mão de terras roubadas e, podemos acrescentar, quaisquer unidades de valor nas quais a materialidade bruta do poder esteja expressa em qualquer contexto.¹⁷

Como nacionalistas anticoloniais do passado que se conformaram com a conquista de uma bandeira bastante simbólica de independência, as concepções liberais de descolonização erram ao supor tanto que esta foi substancialmente alcançada (e, portanto, só precise de extensão aqui e ali) quanto que pode um dia ser plenamente alcançada (e a partir daí servir de métrica de sucesso nas tabelas classificatórias universais pelas quais os Estados e as instituições são julgados em nossos tempos neoliberais). Se, ao contrário, pensarmos no trabalho de descolonização como algo que ainda não foi concluído, talvez possamos nos sentir incapazes de localizar seu significado inteiramente em um passado remoto, mesmo que os textos canônicos aos quais nos voltamos para orientação remontem a uma era anterior. Talvez possamos, então, ter o impulso de olhar para o que *poderia ter sido*, caso as buscas anteriores pela descolonização não tivessem sido eliminadas por suas inimidades conservadoras e amizades liberais. E talvez possamos, então, nos deixar mover pela esperança de que esses sonhos fracassados ainda podem se realizar.

RAHUL RAO é professor doutor e diretor de ensino e aprendizagem do departamento de política e estudos internacionais da *School of Oriental and African Studies*, da Universidade de Londres. É o autor de *Out of Time: The Queer Politics of Postcoloniality*, publicado em 2020, e *Third World Protest: Between Home and the World*, de 2010, ambos livros publicados pela Oxford University Press. Rao é membro do coletivo *Radical Philosophy* e escreve ocasionalmente no blog *The Disorder of Things*.

Traduzido do inglês por Jess Oliveira

MASP

ORGANIZAÇÃO
Amanda Carneiro

COM A COLABORAÇÃO DE
André Mesquita
Yaiza Hernández Velázquez

DESIGN GRÁFICO
Bárbara Catta

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bruno Rodrigues
Isabella Rjeille
Mariana Trevas

PRODUÇÃO EDITORIAL
Amanda Negri
Jacqueline Reis
Marina Moura
Marina Rebouças
Nathalia Aragão
Sabrina Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO
Bruna Wagner
Cecília Floresta

AFTERALL

ORGANIZAÇÃO
Adeena Mey
Ute Meta Bauer
Mark Lewis
Nav Haq

COM A COLABORAÇÃO DE
Amanda Carneiro
Amber Husain
Charles Stankievehc

DIRETORES DO EDITORIAL E
CENTRO DE PESQUISA
Charles Esche
Mark Lewis

GERENTE DE PROJETO
Lauren Houlton

COORDENADOR DO PROGRAMA
Beth Bramich

REVISOR
Janine Armin

Arte e descolonização é um projeto de longo prazo, coordenado por André Mesquita e Mark Lewis, que apoia o desenvolvimento de pesquisas realizadas pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e pelo Afterall Research Center. Essa colaboração tem o apoio da British Academy e da University of the Arts London.

EDIÇÃO 2020 © Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e os autores